

PERDIDOS

Lucia Leite

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2022

PRIMEIRA PARTE



A chegada

O som da sirene da ambulância do Serviço Móvel de Atendimento à Urgência chegou primeiro e a equipe de plantão da emergência daquele hospital de interior se agitou.

— Lá vem bomba!

O médico socorrista corria ao lado da maca e enquanto prestava assistência ventilatória à paciente ia relatando o caso:

— Mulher branca, cerca de 30 anos, inconsciente, entubada, pressão arterial caindo, pulso filiforme*, fratura em MIE†, suspeita de TCE‡.

— Sala Vermelha!

— Estabilizar! Oxigênio!

— Parecer da neurocirurgia!

— Avaliação do ortopedista!

* Pulso muito fraco.

† Membro Inferior Esquerdo.

‡ Traumatismo Crânio Encefálico.

Na estrada da vida

Fim de tarde. O sol veste de cor de rosa o verde das montanhas, reluz no azul celeste e confunde a visão da faixa preta da longa e sinuosa estrada. Uma brisa leve de cheiro doce penetra pela janela aberta do carro, brincando com os cabelos dela. Ela não ouve a música tocando baixinho no rádio. *Agora o que será preciso para lançar? Pensei que ver a obra pronta, editada e transformada em livro me traria paz.*

Lembrou da frase na contracapa do disco do Taiguara, um poeta-músico comunista: “Ver trabalho pronto é ver Deus!”

Sim, claro, estou feliz. O trabalho de tantos meses, meu livro, enfim publicado! Se bem que a editora disse desde o começo que, por ser pequena e por estar atravessando dificuldades não garantiria a distribuição. Mas, e agora? Agora, eu tenho uma enorme tarefa: organizar o lançamento no Rio e, de alguma maneira, fazer o livro chegar às livrarias. Por onde começar?

Não tinha ideia. Talvez pudesse contar com algum amigo, ou conhecido, mas quem? Há muito não via os antigos amigos, e o contato com os colegas da Companhia de Águas e Esgotos, onde trabalhou, ficou para trás desde a demissão

voluntária. Neste tempo todo viajou muito e se isolou para se concentrar e escrever. Pensou em procurar um escritor amigo do pai, músico da sinfônica, mas não lembrava o nome dele. Talvez um ex-professor da Faculdade de Letras, escritor publicado, se dispusesse a dar uma ajudinha.

Naquele momento, sentiu o quanto tem estado sozinha desde a morte dos pais e após o rompimento com Elton. Ele sim, conhecia muita gente do meio artístico, compositores, poetas e talvez pudesse ajudá-la, mas ela não podia admitir uma reaproximação dele. O final tinha sido muito doloroso. A mão esquerda segura firme o volante; a direita tateia o botão do volume e aumenta o som, espantando a infeliz ideia. Ouve a música, lembra do pai. Sorri.

Um barulho estranho parece vir do motor e a obriga a parar à beira da estrada. Tudo acontece muito rápido. Dois jovens chegam abrindo as portas do carro, arma em punho, falando alto algo que ela não entende.

A pancada forte na cabeça impede qualquer reação.

Não tinha que ser assim

Os dois adolescentes estavam escondidos no mato. Ao mesmo tempo que fugiam da polícia local, tentavam se safar dos sitiantes daquele lugarejo onde tinham praticado pequenos furtos. Medo. *Talvez fosse melhor se entregarem à polícia a caírem nas mãos de uma gente enfurecida e serem linchados. Não. Devia haver outra saída. Um pedaço de tronco atravessando a estrada.*

Um carro se aproximava ao longe em moderada velocidade. Passou por cima. Parou. *Uma mulher ao volante. É agora.* Tomaram de assalto o automóvel, cada um de um lado. Enquanto um empurrava a motorista apavorada para o banco do carona tomando seu lugar ao volante, falando rápido, o outro entrou no banco de trás. Acharam que ela fosse reagir e um deles, segurando a arma com mãos trêmulas, deu uma coronhada na cabeça da moça. O corpo desfaleceu na poltrona. Revistaram a bolsa, pegaram o dinheiro. Jogaram fora os documentos. O mais velho tomou o volante e deu a partida, pisando fundo o acelerador. O outro, no banco traseiro mantinha o revólver apontado para a dona do carro desacordada. A certa

altura ele começou a se inquietar e chamou a atenção do companheiro.

— Está morta! A moça está morta! Fudeu! Caralho, e agora?

Não era para matar a moça! Não era para acontecer assim.

Encostaram o carro, freando bruscamente. Ficaram estáticos por instantes, tomados pelo terror. Puxaram o corpo da vítima para fora. Não sabiam o que fazer. O mais novo, que dera a coronhada, tremia e chorava. O outro segurou-o firme pelos ombros. Entreolharam-se. Sem uma palavra, empurraram o corpo para o despenhadeiro. Entraram rápido no automóvel e saíram cantando pneu.

Silêncio. Apenas o ronco do motor pedindo marcha e o ranger dos freios, nas curvas acentuadas da estrada. Pegaram uma estradinha lateral de terra. Pararam. Arrancaram as placas da frente e de trás e retornaram à estrada principal. O tempo fechou e algumas gotas de chuva salpicavam o para-brisa.

Asfalto molhado. Suor frio. Velocidade. O carro serpenteou na pista, desgovernou, despencou no meio da mata, chocando-se com o tronco de uma árvore. Os assaltantes feridos, assustados, abandonaram o carro e seguiram a pé por dentro do mato, até sair de novo na estrada, nas proximidades de um vilarejo. A chuva agora caía grossa.



Contato:

✉ luciafleite@gmail.com

📷 [@so.1.sugestao](#)





LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Plantin MT Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em junho de 2022.

